

Índice

Dialéctica Erística	9
A Base de Toda a Dialéctica	21
Estratagema 1	24
Estratagema 2	27
Estratagema 3	29
Estratagema 4	31
Estratagema 5	32
Estratagema 6	33
Estratagema 7	34
Estratagema 8	35
Estratagema 9	36
Estratagema 10	37
Estratagema 11	38
Estratagema 12	39
Estratagema 13	41
Estratagema 14	42
Estratagema 15	43
Estratagema 16	44
Estratagema 17	45
Estratagema 18	46
Estratagema 19	47
Estratagema 20	48
Estratagema 21	49
Estratagema 22	50

Estratagema 23	51
Estratagema 24	52
Estratagema 25	53
Estratagema 26	54
Estratagema 27	55
Estratagema 28	56
Estratagema 29	58
Estratagema 30	60
Estratagema 31	64
Estratagema 32	66
Estratagema 33	67
Estratagema 34	68
Estratagema 35	69
Estratagema 36	71
Estratagema 37	72
Último Estratagema	73
Notas de Schopenhauer	77

Dialéctica Erística

Já os antigos usavam Lógica e Dialéctica como sinónimos, embora λογίζεσθαι — ponderar, reflectir, analisar — e διαλεγεσθαι — dialogar — sejam duas coisas muito diferentes. Foi Platão que usou o nome Dialéctica (διαλεκτική, διαλεκτική πραγματεία¹, διαλεκτικός ανηρ²) pela primeira vez (como relata Diógenes Laércio), e verificamos que em *Fedro*, *Sofista*, *República lib. 7*³, etc. ele entende pelo termo o uso regular da razão e a destreza nessa prática. Aristóteles usa τα διαλεκτικά no mesmo sentido, mas, segundo Laurentius Valla⁴, ele terá começado por usar λογική no mesmo sentido. Encontramos na sua obra λογικας δνσχερειας, ou seja, *argutias*, προτασιν λογικην⁵, αποριαν λογικην⁶. Assim, διαλεκτική seria mais antigo do que λογική. Cícero e Quintiliano usam com o mesmo sentido geral *Dialéctica* e *Lógica*. *Cic. in Lucullo: Dialecticam inventam esse, veri et falsi quasi disceptatricem.*⁷ — *Stoici enim judicandi vias diligenter persecuti sunt, ea scientia, quam*

1 Teoria da Dialéctica. (N. T.)

2 Pessoa dialéctica. (N. T.)

3 Livro 7. (N. T.)

4 Lorenzo Valla (1407-1457), fundador da moderna crítica textual. (N. T.)

5 Premissa. (N. T.)

6 Aporia lógica, contradição insolúvel. (N. T.)

7 Cícero no diálogo *Lucullus*: “A Dialéctica foi inventada, por assim dizer, como um árbitro entre verdadeiro e falso.” (N. T.)

*Dialecticen appellant. Cic. Topica, c. 2.*⁸ *Quinct. lib. [xii, 2]: itaque haec pars dialecticae, sive illam disputatricem dicere malimus*⁹; esta parece-lhe, portanto, ser o equivalente em latim da διαλεκτική. (Pelo menos, segundo *Petri Rami*¹⁰ *dialectica, Audomari Talaei prelectionibus illustrata, 1569*.) Este uso das palavras Lógica e Dialéctica como sinónimos manteve-se também na Idade Média e na era moderna, até hoje. No entanto, mais recentemente, em especial no caso de Kant¹¹, tem-se usado com maior frequência “Dialéctica” num sentido pior do que “arte sofística do debate”, e por isso se preferiu a designação “Lógica” por ser mais inocente. No entanto, à partida, estas palavras significam o mesmo e nos anos mais recentes voltaram a ser entendidas como sinónimos.

É pena que “Dialéctica” e “Lógica” sejam usadas há muito como sinónimos e que, por isso, eu não esteja completamente livre para separar o seu significado como gostaria, definindo “Lógica” (de λογίζεσθαι, ponderar, calcular; de λογος, palavra e razão, que são inseparáveis) como a “ciência das leis do pensamento, ou seja, do modo de procedimento da razão, e “Dialéctica” (de διαλεγεσθαι, dialogar; no entanto, todo o diálogo partilha factos ou opiniões, ou seja, é histórico, ou deliberativo), “a arte de debater” (esta palavra, no sentido moderno). Então é evidente que a Lógica tem um objecto puramente *a priori*, definível sem intromissão empírica, as leis do pensamento, o procedimento da razão (do λογος) que as segue, entregue a si própria e sem perturbações, portanto, no pensamento solitário de um ser racional, que nada seria capaz de confundir. A Dialéctica, por sua vez, trataria dos aspectos comuns de dois seres racionais que pensam, por conseguinte, em conjunto, dos quais, assim que não

8 Porque os estóicos, na ciência a que chamam “Dialéctica”, analisaram detalhadamente os métodos de ajuizar; Cícero, *Topica 2*. (N. T.)

9 Quintiliano, Livro 12,2: portanto, aquela parte da Dialéctica, desde que não se prefira chamá-la “arte da discussão”. (N. T.)

10 Petrus Ramus (1515-1572), filósofo francês; a sua *Dialectique* de 1555 é considerada a primeira obra filosófica em francês. (N. T.)

11 Immanuel Kant (1724-1804), filósofo alemão. (N. T.)

coincidem como dois relógios acertados entre si, surge um debate, ou seja, um combate mental. No pressuposto da razão pura, ambos os indivíduos teriam de estar de acordo. As suas divergências resultam da diferença que é a essência da individualidade; são, portanto, um elemento empírico. A Lógica, a ciência do pensamento, ou seja, dos procedimentos da razão pura, poderia, portanto, ser construída puramente *a priori*; a Dialéctica só o poderia, em grande parte, *a posteriori*, a partir do reconhecimento, pela experiência, das perturbações que o pensamento puro sofre devido à diferença da individualidade quando dois seres racionais pensam em conjunto, e dos meios usados pelos indivíduos uns contra os outros para que cada um faça prevalecer o seu pensamento individual como aquele que é puro e objectivo — porque faz parte da natureza humana que, ao pensarem em conjunto, διαλεγεσθαι, ou seja, comunicarem opiniões (com excepção de diálogos sobre História), quando A entende que as ideias de B sobre o mesmo objecto se desviam das suas, ele não começa por rever o seu próprio pensamento, para encontrar erros, antes os pressupõe no pensamento do outro. Ou seja: o ser humano é, por natureza, obstinado, e o que daí resulta é o que ensina a disciplina que eu gostaria de chamar de Dialéctica, mas que, para evitar mal-entendidos, vou chamar de “Dialéctica Erística”. Ela seria então a teoria do procedimento da obstinação, inata no ser humano.

A Dialéctica*¹² Erística é a arte de debater, mais concretamente de debater de tal modo que se tem sempre razão, portanto, *per fas et nefas**¹³. Uma pessoa pode ter objectivamente razão no assunto propriamente dito e, no entanto, aos olhos dos presentes, e até aos seus próprios olhos, não ter razão. Quando, por exemplo, o adversário refuta a minha prova e isso vale como refutação da própria afirmação, para a qual, contudo, pode haver outras

12 Um asterisco (*), neste passo e daqui em diante, indica que Schopenhauer elaborou uma nota. Estas notas, apresentadas como notas de rodapé na versão original, são apresentadas nesta edição num capítulo autónomo que acompanha o texto principal. (N. T.)

13 Por meios justos ou injustos. (N. T.)

provas, nesse caso, para o adversário a relação é, naturalmente, inversa: ele fica com a razão sem objectivamente a ter. Portanto, a verdade objectiva dum frase e a sua validade na aprovação dos contendores e ouvintes são duas coisas diferentes. (A Dialéctica dirige-se a estes últimos.)

De onde vem isto? Da maldade natural da espécie humana. Se ela não existisse, seríamos fundamentalmente honestos, e em cada debate buscaríamos simplesmente trazer a verdade à luz, sem nos preocuparmos se ela confirma a nossa opinião inicial ou a do outro*: isso seria indiferente ou, pelo menos, totalmente secundário. Mas agora essa é a questão fundamental. A vaidade inata, que é particularmente irritável no que diz respeito às capacidades intelectuais, não aceita que aquilo que afirmámos em primeiro lugar venha a revelar-se errado e que a posição do adversário esteja certa. Tendo isto em conta, cada um teria apenas de se esforçar por só avaliar correctamente, para o que teria de pensar primeiro e falar depois. Mas, na maioria das pessoas, à vaidade inata junta-se a tagarelice e a desonestidade inata. Falam antes de pensar, e quando, a seguir, reparam que a sua afirmação está errada e que não têm razão, querem aparentar o contrário. O interesse pela verdade, que foi certamente, na maioria dos casos, o único motivo para a formulação de uma afirmação que se pressupõe verdadeira, cede agora completamente ao interesse da vaidade: o verdadeiro deve parecer falso e o falso deve parecer verdadeiro.

No entanto, mesmo esta desonestidade de persistirmos numa afirmação que até a nós próprios parece falsa ainda tem uma desculpa: amiúde estamos, de início, firmemente convencidos da verdade da nossa afirmação, mas o argumento do adversário parece deitá-la por terra; se desistirmos dela imediatamente, descobrimos muitas vezes mais tarde que, afinal, tínhamos razão: a nossa prova estava errada, mas podia haver uma prova que estivesse certa para aquela afirmação. O argumento salvador não nos tinha ocorrido de imediato. Assim nasce em nós a máxima de combater o contra-argumento, mesmo quando ele parece cer-

to e convincente, na convicção de que a sua veracidade seja apenas aparente, e de que, durante o debate, ainda nos ocorra um argumento para o derrubar ou outro para confirmar a nossa verdade de modo diverso. Assim, somos quase coagidos à desonestidade no debate ou, pelo menos, ligeiramente seduzidos. Assim, apoiam-se reciprocamente a fraqueza do nosso entendimento e a distorção da nossa vontade. Daí decorre que quem debate, por norma, não luta pela verdade, mas pela sua afirmação, como *pro aris et focis*¹⁴, e procede *per fas et nefas*, e até, como se mostrou, não pode agir de outro modo.

Cada um, em via de regra, quererá impor a sua afirmação, mesmo quando ela, de momento, lhe parece falsa ou duvidosa*. Os instrumentos para este fim são-lhe dados, em certa medida, pela sua própria astúcia e maldade. É isso que nos ensina a experiência quotidiana do debate. Assim, cada um tem a sua Dialéctica natural, tal como tem a sua Lógica natural. Só que aquela não o conduz com tanta segurança como esta. Pensar ou extrair conclusões contrárias às leis da lógica é coisa que ninguém pratica com facilidade: juízos falsos são frequentes, conclusões falsas são muitíssimo raras. Portanto, uma pessoa não mostra facilmente falta de Lógica natural mas, em contrapartida, certamente mostrará falta de Dialéctica natural: ela é um dom natural desigualmente distribuído (neste aspecto, igual à capacidade de julgar, que está distribuída de modo muito desigual, na verdade, igual à razão). Porque acontece frequentemente uma pessoa deixar-se confundir e refutar por argumentação apenas aparente, quando tem, de facto, razão, ou então o contrário. E quem sai vencedor de uma contenda muitas vezes não deve isso à correcção da sua capacidade de julgar ao formular uma afirmação, mas antes à astúcia e destreza com que a defendeu. Aqui, como em todos os casos, o que é inato é o melhor*; no entanto, o exercício e também a reflexão acerca das tácticas usadas para derrotar o adversário, ou acerca das que este mais usa

14 Pelos altares e lares. (N. T.)